

Cenas de fundação: o retrato do urbano em *Cidade livre* de João Almino

Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli¹ (IC)*, Ewerton de Freitas Ignácio² (PQ).

1 Graduada do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – UEG/CCSEH.

2 Doutor e Pós-Doutor em Literaturas em Língua Portuguesa (UNESP), Docente do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais (TECCER), da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Resumo: Pretendemos analisar no romance que aqui estudamos, qual seja *Cidade livre*, publicado em 2010, tem-se uma obra bem escrita, densa, que plasma um rico e profundo universo humano, psicológico e, mesmo de teor metafísico. A narrativa se desdobra de modo paralelo tanto na memória do narrador-personagem quanto pelos domínios urbanos de uma Brasília que, já em seu processo de construção, se configura como a extensão dos desertos individuais, correspondendo, esse espaço urbano, ao retrato da vivência interior das personagens, como se os espaços urbanos constituíssem extensões da percepção e da consciência humanas. Essas figurações da experiência urbana na prosa de João Almino desvelam aspectos de várias vivências balizadas pelo contato do humano com o plano do divino e com o choque cultural entre pessoas oriundas de diferentes estados que se dirigiram para o planalto central não apenas para levantar uma cidade, mas fundamentalmente para dar forma aos seus sonhos de, juntamente com a construção de Brasília, construir um futuro melhor.

Palavras-chave: Literatura goiana. Cerrado. Construção

Introdução

João Almino nasceu em Mossoró – RN, em 1950. Escritor e diplomata, doutorou-se em Paris, tendo sido orientado pelo filósofo Claude Lefort. Produziu várias obras de ficção e foi agraciado com prêmios literários. *Cidade livre* (2010) é uma dessas obras: compõe os 5 títulos que têm por objetivo criar um amplo retrato de Brasília e recebeu o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura em 2011, relativo ao melhor romance publicado no Brasil entre os anos de 2009 e 2011. Além disso, foi finalista do Prêmio Jabuti e do Prêmio Portugal Telecom de Literatura 2011.

Cidade livre narra a história de João, que, já em idade adulta, escreve em 2010, as lembranças do período em que viveu em Brasília, em sua infância –, lembranças de seu pai, suas duas tias, Francisca e Matilde, somadas às pesquisas

¹ hevellyn_cris@hotmail.com .

²



bibliográficas. Além dessas várias vozes, o texto, em sua diegese, é escrito num *blog*, tal como um folhetim do século XIX ou uma Wikipédia dessa história, e seus leitores têm liberdade para sugerir novos rumos para o desenvolvimento da história.

Material e Métodos

Inicialmente, foi realizada uma leitura preliminar da obra a ser analisada, a fim de nos familiarizarmos com o enredo e com as personagens, além dos contextos citadinos nela representados.

A seguir, dedicamo-nos à leitura de livros e artigos que versavam sobre três temas-chave: (a) a cidade, sua origem e suas características na atualidade (SANTOS e OLIVEIRA, 2001); (b) as condições de vida do homem urbano contemporâneo (PRYSTHON e CARRERO, 2004); e (c) o problema da representação da cidade na literatura (IGNÁCIO, 2010; GOMES, 2008).

Numa terceira etapa, realizamos a releitura da obra de Almino, voltando nossa atenção, principalmente, para a forma como a construção de um espaço urbano pode influenciar, e possivelmente, moldar o comportamento do indivíduo. Buscamos analisar de que modo essa construção do contexto histórico-social interage com as vivências e as perspectivas das personagens, como afirma (IGNÁCIO, 2010, p. 32),

tem-se, dessa maneira, por um lado, a configuração de romances que formalizam, no universo literário, questões socioeconômicas concernentes à realidade brasileira, de modo a refletir, ficcionalmente, os moldes e os valores de toda uma organização econômico-social de bases agrária e, por outro lado, romances que têm como tema o retrato do homem urbano, prisioneiro da cidade, que se lhe afigura como local em que não se encontram meios para a plena realização dos seus anseios.

A partir daí, passamos a investigar esse romance alicerçado em algumas categorias de análise. Para isso, foi necessário nos reaproximarmos do campo teórico da teoria literária, especialmente do conjunto das reflexões em torno da narrativa e suas particularidades (BAKTHIN, 1998; SANTOS e OLIVEIRA, 2001). A etapa de conclusão da pesquisa tem como princípio metodológico a articulação entre as leituras teóricas e a análise do romance (IGNÁCIO, 2010).



Resultados e Discussão

Na leitura da obra analisada, *Cidade livre*, foi possível identificar vários dos elementos apontados pelos autores estudados como inerentes ao contexto citadino e à sua representação na literatura.

No romance, Almino emprega frequentemente o recurso da metaforização, discutido por Gomes (2008), para retratar a cidade e seus efeitos sobre o espírito das personagens. A construção de Brasília é retratada, inicialmente, através da “Cidade livre”, uma cidade satélite cuja finalidade, era formar uma base para os trabalhadores, vindos de várias regiões do país, edificarem a nova Capital do Brasil. Denota-se, portanto, uma dualidade, uma vez que a cidade mais moderna do país foi erguida a partir da égide de outra cidade, embora essa segunda, apresente-se como miserável, antiquada e indigna.

A análise do contexto psicológico das personagens permite perceber como o ambiente citadino lhes causa sentimentos paradoxais: em alguns momentos, tem-se a sensação de medo, de insegurança; de repente, porém, surge a necessidade de ter esperança, e a cidade parece ser a chance. Essa situação fica evidenciada por Almino (2010, p. 179), “[...] a gente pode construir a realidade, a riqueza, pode fazer circular o dinheiro a partir do nada, do vazio, do fictício, do inútil e desnecessário, e Brasília é tudo isso, ou seja, não é coisa alguma”. Podemos verificar essa condição de insegurança, que causa aflição e angústia na descrição feita por Ignácio (2010, p. 33),

sentimento de empolgação e consequente desilusão que, salvaguardadas as devidas proporções e diferenças contextuais, [...] se a princípio se mostraram empolgados com os rumos que as marcas do progresso pareciam imprimir à vivência urbana brasileira, após certo tempo essas expectativas, algo utópicas, acabaram por cair num logro, engano que se encontra, em maior ou menor grau, circunstanciado em suas obras.

Tem-se ainda a representação da cidade como memória, como cenário e receptáculo das memórias individuais das personagens, tema recorrente em *Todas as cidades, a cidade* (GOMES, 1994). Os 7 últimos dias, em que foi permitido a João ficar com o seu pai, Dr. Moacyr, na cela, serviram como ponte para recordações,



sem deixar de lado as comparações entre a construção de Brasília, e o agora. João e tia Francisca, relembram o dia do sepultamento do engenheiro Bernardo Sayão, o primeiro a ser encovado naquele cemitério, cercado por uma multidão, prestando suas últimas homenagens a um homem querido e digno de honrarias, enquanto isso, seu pai, Dr. Moacyr, é sepultado com poucas pessoas, retratando a conhecida “lei do retorno”, em que, na vida e na morte, as pessoas recebem a mesma medida do que se oferece.

Identificadas essas características gerais, buscamos, na terceira etapa do desenvolvimento de nossa pesquisa, aprofundar a análise do romance. Para isso, foi necessária uma reaproximação ao campo teórico da teoria literária, à qual procedemos através da leitura de textos que promovem a reflexão em torno da narrativa, do romance e de suas particularidades.

A partir de então, verificamos que o diálogo entre a prosa e os aspectos que atravessam o processo de construção de Brasília é, na realidade, uma reprodução existente em quase todos os processos de construção citadinos, cujo modelo cerratense, conseqüentemente, se enquadra em outros exemplos, como podemos notar em Ignácio (2010, p. 96), quando ele diz:

[...] o processo civilizatório por um ângulo que questiona a noção de “civildade” aí pressuposta. Questiona-a em sua violência excludente e em sua domesticação/funcionalização da natureza. Há, mesmo, desse ângulo, certa ironia, pois, conforme já afirmei, é o campo que é sitiado pelo progresso do subúrbio que se transforma em cidade grande, e não o contrário (grifos do autor).

Considerações Finais

Constata-se portanto, que Brasília, a cidade retratada por Almino tem características em comum com a construção de outras cidades. A fundação de uma cidade, traz, em sua essência, a esperança, como se no fundo, uma vida nova e crescente pudesse acompanhar a edificação de uma cidade. No caso da construção de Brasília, essa esperança vem carregada de angústia e dor.

Identificadas essas características gerais, depreendemos a subjetividade presente no título da obra *Cidade livre*, e, conseqüentemente, qual o papel que as cenas de fundação representam para esses indivíduos. O retrato urbano em



questão, salienta para uma “Cidade livre” de justiça, de igualdade social, de boas condições de sobrevivência, de esperança em favor da construção de uma sociedade “civilizadamente” projetada. A Cidade livre, que vive à margem da sociedade, nasceu para dar vida a grande, moderna e “civilizada” Capital do Brasil. Em razão disso, constatamos, a partir da prosa literária, a dualidade presente em todos os contextos da obra cerratense; marginaliza para civilizar, desmata para construir, mata para nascer, desengana para dar esperança, afasta para aproximar, vive o lixo para construir o luxo, vivem na escuridão para iluminar.

Agradecimentos

Agradeço ao BIC/UEG (Bolsas de Iniciação Científica da UEG) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização desta pesquisa. Agradeço ao meu orientador professor doutor Ewerton de Freitas Ignácio pela dedicação, paciência e competência em nos apresentar obras relevantes para o nosso desenvolvimento intelectual. Agradeço à UEG (Universidade Estadual de Goiás) por me acolher como aluna de graduação no curso de Letras.

Referências

ALMINO, João. *Cidade livre*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BAKTHIN, Makhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1998.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. *Do campo abandonado para a cidade suportada: campo e cidade na literatura brasileira*. Universidade Estadual de Goiás, 2010.

PRYSTHON, Ângela e CARRERO, Rodrigo. Atalhos na pós-metrópole: acaso, incomunicabilidade e melancolia em três filmes americanos dos anos 90. *Contemporânea*, vol. 2 n., 2. p. 169-188. Dez. 2004.

SANTOS, Luís Alberto Brandão e OLIVEIRA, Silvana Pessoa. *Sujeito, tempo e espaços ficcionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.